RASENG REVISTA AMAZÔNICA SOBRE ENSINO DE GEOGRAFIA

ENSINO DE GEOGRAFIA E EDUCAÇÃO 4.0: CAMINHOS E DESAFIOS NA ERA DA INOVAÇÃO

THE GEOGRAPHY TEACHING AND THE EDUCATION 4.0: WAYS AND CHALLENGES IN THE INNOVATION'S AGE

Enoque Fôro de Oliveira[1]

RESUMO

O presente texto discute uma proposta de temas a serem desenvolvidos no ensino de geografia de maneira a adaptá-lo à chamada Educação 4.0. O ensino de geografia precisa acompanhar essas mudanças nos objetivos da educação e nos modos de produzir e se relacionar desta "sociedade tecnológica". A partir de que ponto essas adaptações podem ter inicio? É a reflexão que este texto procura fazer, além de apresentar uma proposta nesse sentido. A metodologia empregada consiste na pesquisa de referências em textos científicos sobre a educação 4.0 e sobre algumas temáticas ligadas ao ensino de geografia. Foram apresentadas as ideias acerca de como discutir o problema e as referências foram usadas para fornecer o respaldo acadêmico. A educação 4.0 caracteriza-se por um modelo de ensino voltado a atender às demandas da 4ª Revolução Industrial ou Indústria 4.0, a partir da qual robôs, a inteligência artificial (AI), a internet das coisas e os ambientes digitais obrigam as pessoas a reinventarem seus papeis no mundo do trabalho e da vida em sociedade. O ensino de geografia precisa e tem como caminhar no sentido de acompanhar essas transformações através de conteúdos e práticas com os quais já trabalha, como a cartografia e o trabalho de campo.

Palavras-chave: Educação 4.0; Ensino de Geografia;Sociedade Tecnológica.

ABSTRACT

This text discuss a proposal of topics to be developed in geography teaching in the way of adapt it for education 4.0. The geography teaching needs to follow these changes in education's goals and in the way of producing and living in the "technological society". From where we can start promoting theses adaptations? This is the discussion this text brings, besides a proposal in this way. The methodology used consists in the research of references in scientific texts about education 4.0 and about some relevant topics to the geography teaching. Education 4.0 is characterized by a learning management backed to attend the demands of 4th Industrial Revolution or Industry 4.0, where robots, Artificial Intelligence (AI), The Internet of Things (IoT) and the digital environment obligate people to reinvent their functions in the work's world and in the society lifestyle. The geography teaching needs and have the conditions to follow these transformation through themes and practices in which it already works, like cartography and fieldwork.

Keywords: Education 4.0;Geography Teaching; Technological Society.

[1] Oriundo de escola pública, graduou-se em 2015 como Licenciado em Geografia pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará. Atualmente cursa especialização em Ensino de Geografia e graduação em Economia pela Universidade Federal do Pará.

INTRODUÇÃO

Com o inicio de uma era onde robôs se tornam capazes de tomar algumas decisões; softwares e objetos se conectam por redes *wireless* ou pela internet e funcionam de forma automatizada dentro de fábricas e das residências; serviços usados cotidianamente por pessoas em todo o globo,contidos inteiramente em plataformas digitais; a educação inevitavelmente é atingida pelos efeitos dessas mudanças e precisa incorporar uma série de transformações para não ser deixada para trás pelo avanço das tecnologias de informação e comunicação.

É nesse contexto que surge o que está sendo chamado de Educação 4.0, uma educação voltada a atender às demandas produtivas de uma Quarta Revolução Industrial e formar os conhecimentos e habilidades necessários aos indivíduos para ser ter uma vida feliz e ativa, no momento em que o trabalho humano perde espaço para as máquinas de uma forma nunca antes vista. A educação 4.0 já é experimentada em alguns países, como Finlândia, Indonésia, Tailândia, Singapura. Não à toa países que estão na dianteira da inovação no processo educacional e são os melhores colocados nos exames do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA).

A educação 4.0 se desfaz de muitas características às quais estamos acostumados a observar e praticar na educação relativa ao século XX. Por exemplo, em muitas escolas dos países supracitados não há divisão por disciplinas, não há provas, não há divisão por séries, as aulas possuem horários flexíveis, as salas de aula são espaços abertos e bem confortáveis (às vezes sem cadeiras ou mesas), o professor não ministra conteúdos, mas os alunos pesquisam em livros e na internet o que querem aprender e o professor apenas orienta, entre outras coisas. A inovação no processo e a autonomia do aluno são as características marcantes desta nova maneira de educar.

E o ensino de geografia como fica diante de mudanças tão amplas e intensas? Quais os desafios teórico-metodológicos frente à educação 4.0? Conseguirá o ensino de geografia acompanhar estas transformações? Se sim, quais características incorporaria? Se não, o que acontecerá com a geografia escolar? Essas são reflexões que já passaram, inclusive, do ponto de começarem a serem feitas pelos pesquisadores e educadores que discutem o ensino de geografia. Eis a razão de ser deste texto.

A EDUCAÇÃO 4.0

O termo “educação 4.0” tem sido utilizado para fazer referência aos conhecimentos e habilidades necessários para se adaptar às transformações ocasionadas pelo surgimento da Indústria 4.0 ou Quarta Revolução Industrial. Robôs e outras máquinas tem cada vez mais conseguido superar os seres humanos em tarefas que vão desde as mais simples como dobrar e guardar roupas até fabricar e montar carros e computadores. Logo, entra em xeque o papel do ser humano no mundo do trabalho e na própria vida social. Quais características deve ter a formação das crianças e jovens que ingressarão em um mundo operado por robôs e cada vez mais impactado pelas tecnologias da informação e pelo que acontece nos meios digitais? O que devem aprender esses jovens e crianças? E quanto a sua vida em sociedade, do que precisarão ao desenvolver as relações interpessoais quando cada vez mais as pessoas se relacionam com máquinas? Essas são demandas que a educação 4.0 visa atender.

Podemos entender que a maneira de se fazer a educação acompanhou a maneira de se produzir. A seu tempo, cada forma de educação visou atender as necessidades produtivas de sua época, sociedade e tipo de economia. Pancreobutr (2016, p. 93) faz uma classificação dos paradigmas econômicos de produção, e, a partir deles, faz observações sobre o papel da educação em cada período: a economia 1.0 é relativa às sociedades agrárias; a economia 2.0 à sociedade industrial; a economia 3.0 é conhecida como era da globalização; e, a economia 4.0 é a “era da inovação”.

Conforme este autor, na época da educação 1.0,o que se precisava para estar integrado ao mundo do trabalho e à vida em sociedade era possuir força física para a realização das tarefas. Na educação 2.0,o ensino era direcionado a se assimilar as tecnologias de modo estritamente operacional para usá-las como meras ferramentas de trabalho. Na educação 3.0,o conhecimento é criado dando-se suporte aos alunos para praticarem o autoaprendizado. O aluno é preparado para criar conhecimento e não apenas consumir. E, aeducação 4.0trata-se de um sistema totalmente novo de ensino, preparando o aluno para crescer com conhecimentos e habilidades em todos os aspectos da vida, e não apenas para o trabalho, onde, possivelmente apenas lhe é exigido fazer contas simples e redigir alguns textos. “A educação 4.0 será mais que apenas educação” (IBID, p. 94).

A educação 4.0 visa, então, preparar as pessoas para desenvolverem habilidades estritamente humanas – aquilo que só seres humanos conseguiriam fazer -, hajavista a tendência das máquinas de dominarem a realização de tarefas simples e repetitivas.

Essas habilidades estão associadas a áreas como gastronomia, estética, artes, saúde, a própria educação e relações pessoais. Ou seja, atividades que envolvem alto grau de criatividade, contato humano, empatia, confiança, diálogo e etc. O tipo de qualidades que um robô, por mais avançado que seja, ainda não consegue desenvolver e talvez nem tenha como. Sendo mais exato, os referidos conhecimentos e habilidades correspondem a: liderança, colaboração, criatividade, alfabetização digital, boa comunicação, inteligência emocional, empreendedorismo, capacidade de se conectar com o global, resolução de problemas, trabalho em equipe, pensamento crítico, desenvolvimento de consciência social, capacidade compreensiva e interativa com outras culturas (IBID., p. 94).

Diante de tudo isso, o currículo, as metodologias, o trabalho docente, as escolas e os objetivos da educação terão que mudar considerando como o são hoje. Analisando a classificação feita por Pancreobutr, é como se a educação que conhecemos hoje na maioria dos lugares ainda estivesse sendo iniciada na versão 3.0 (e com grandes dificuldades!), onde o uso de tecnologias já é intenso e os alunos criam o conhecimento ao invés de apenas consumi-lo. Porém, não é isso que verificamos nas escolas.

Uma educação onde o aluno pouco faz, cria, experimenta, e limita-se a absorver conteúdos ainda é uma realidade em muitas escolas dos países subdesenvolvidos e emergentes. Algo bem distante daquilo que propõe a educação 4.0 e que já começa a ser exigido pelo modo de vida estabelecido em muitas sociedades pelo mundo: fazer para aprender e se tornar hábil naquilo, aprender fazendo. Como esclarece Caron:

> "(...) o futuro da Educação, também chamado de Educação 4.0, baseia-se no conceito de Learning by doing, ou seja, aprender fazendo. Esse conceito traz a ideia de que todos nós – principalmente quem está na escola hoje – vamos aprender coisas diferentes e de maneiras diferentes, por meio de experiências, projetos, testes e muita 'mão na massa'." (CARON, 2017).

Ou seja, a educação a ser desenvolvida dentro de nossas escolas e salas de aula precisa incorporar a prática, a criação, o experimento como suas características predominantes. O *learning by doing* que é um conceito que se aplica originalmente à esfera da produção (especializar-se em uma tarefa, dominando-a através da prática), vale também para o processo de formação do individuo: sair da escola tendo aprendido técnicas e a como usar as tecnologias na prática, através da execução de projetos e atividades orientadas.

OS DESAFIOS AO ENSINO DE GEOGRAFIA DIANTE DA EDUCAÇÃO 4.0

Constatadas as transformações sem precedentes que serão introduzidas pela educação 4.0, torna-se necessário problematizar a respeito do papel que o ensino de geografia tem a desempenhar. Trata-se de um processo em relação ao qual o ensino de geografia não terá como ficar alheio, sob pena de tornar-se obsoleto e até mesmo desnecessário do ponto de vistas das demandas que efetivamente se estabelecerão. Hoje mesmo já acompanhamos casos em que a disciplina tem sua carga horária frequentemente reduzida, e mesmo sua obrigatoriedade invalidada, assumindo status de disciplina optativa a partir de certa fase da formação elementar. Se não pensarmos e discutirmos sobre as mudanças pelas quais a educação está passando, e, mais do que isso, se não apresentarmos resultados práticos e pertinentes, um processo de extinção da geografia escolar do currículo da educação básica só tende a intensificar-se. O mundo moderno passa por mudanças num ritmo e proporção nunca antes visto, quem ou o que não o acompanha é inapelavelmente deixado para trás. Não haveria porque ser diferente com a disciplina de geografia. É preciso mudar e adaptar-se.

Nesse sentido, e voltando-se para o arcabouço teórico-metodológico do ensino de geografia, o que temos que poderia ser usado como peça-chave para adequar o mesmo à chamada educação 4.0? No presente texto propõem-se pelo menos três frentes pelas quais esse processo poderia acontecer.

A primeira delas é a cartografia escolar. O modo de vida na era da indústria 4.0 exigirá amplo conhecimento e interação com as tecnologias da informação e comunicação. Será preciso estar conectado e ser capaz de produzir e divulgar informações, códigos e imagens de forma eficiente. Logo, a educação precisará proporcionar o contato direto dos indivíduos com ferramentas digitais e em ambientes globais. Nesse sentido, o ensino de geografia pode lançar mão do conhecimento e das técnicas cartográficas para inserir os alunos na realidade da era da inovação. A cartografia lida com softwares de georreferenciamento, com captura de imagens por dispositivos eletrônicos, com a internet, demanda capacidade de organizar a informação, ilustração e design. Exatamente habilidades e conhecimentos que a educação 4.0 visa desenvolver. Como destacam Almeida & Almeida:

> "(...) a cartografia escolar hoje tem como um de seus focos o processo de comunicação face às novas tecnologias (Internet, celulares) que estão mudando o mundo, incluindo a forma como fazemos, usamos, reproduzimos e avaliamos os mapas. Hoje em dia os mapas estão em toda parte, em qualquer lugar, na sala de aula, em casa, dentro de telefones celulares... As crianças e jovens, portanto, entram em contato

> com produtos cartográfi cos continuamente e têm de aprender sobre sua linguagem desde tenra idade. Os conhecimentos básicos então devem ser introduzidos como um programa de preparação, para que venham trabalhar corretamente com mapas, mais tarde, como adultos."(ALMEIDA & ALMEIDA, 2014, p. 894)

A cartografia é não apenas interessante, mas também muito pertinente às habilidades requeridas à 4ª Revolução Industrial. A capacidade criar mapas e utilizar inteligentemente as informações nele representadas é algo extremamente útil na era da inovação por conta da necessidade de se localizar e se descobriros fatos de forma rápida e confiável. As pessoas e instituições querem saber "o que há" e "onde" para tomar decisões que, às vezes, necessitam ser imediatas. Ou, simplesmente o desejam para não deixarem de estar atualizadas sobre acontecimentos que correm o globo. Hoje, não há o acesso fácil a esse tipo de produto e nem existem tantos profissionais habilitados a fornecê-los. Portanto, possuir os conhecimentos e técnicas necessários à elaboração de mapas e cartas gráficas, e mais do que isso, a habilidade de produzi-los de forma rápida e com alta qualidade é um fator que faria a diferença na vida e no trabalho na era da inovação.

No entanto, é aqui que está um dos gargalos do ensino e da formação de professores de geografia. Estes profissionais saem de seu processo de formação inicial sem dominar e, muitas vezes, sem ter noções de como manipular a cartografia. É comum os professores abordarem esses conteúdos na sala de aula de forma bem superficial devido à falta de preparo durante a graduação. Esse é um problema conhecido no debate do ensino: "Os professores sabem que é necessário ensinar a linguagem cartográfica, porém muitos deles não têm o preparo suficiente para isso. Este é um dos maiores desafios da cartografia escolar nos próximos anos." (IBID, p. 894).

Portanto, se a formação para o ensino da cartografia já era demanda inadiável devido a relevância desse conteúdo para a geografia escolar, é-lo mais ainda agora frente à implantação da educação 4.0. Os cursos de licenciatura em geografia precisam desenvolver efetivamente essa disciplina acadêmica e priorizá-la, inclusive. Do contrário, os professores continuarão de mãos atadas e o ensino de geografia perderá espaço e tempo na escola e no processo de inovação tecnológica.

A segunda frente pela qual o ensino de geografia poderia adaptar-se à educação 4.0 é a prática do trabalho de campo. Essa ferramenta investigativa acompanha a geografia desde antes de sua institucionalização no século XVIII. São pertinentes a ela a curiosidade, o espírito explorador, a capacidade comunicativa, técnicas de registro e

arquivamento e embasamento teórico. Porém, paraalém disso, o ir à campo é um trabalho que fundamentalmente envolver a prática, o fazer (por a mão na massa). Aqui encaixa-se outro aspecto marcante da educação 4.0, que é a cultura *maker*: movimento na educação que estimula os alunos a buscarem informações e aprenderem por si mesmos a como resolver os problemas. Portanto, no campo é necessário o desenvolvimento de habilidades que também serviriam à educação 4.0. O trabalho em equipe, a capacidade de liderança, a resolução de problemas, o exercício da interação cultural são todas características que podem ser despertadas e aprimoradas no trabalho de campo:

> "Para o ensino de Geografia o trabalho de campo é um momento ou uma atividade de pesquisa. O tema em estudo e o lugar que está sendo objeto de estudo é elemento foco para as investigações programadas. O aluno vai a campo com o olhar e a mente de estudante para observar paisagens e espaços geográficos, entrevistar ou conversar com pessoas e coletar dados e informações a partir das suas referências conceituais e de vida." (AZAMBUJA, 2012, p. 188)

No entanto, essa metodologia que é tão característica e fundamental à geografia acadêmica, é bastante ausente na geografia escolar. Braun (2007) investigou em duas escolas públicas do município de Santa Cruz do Sul-RS a experiência e percepção dos professores em relação ao trabalho de campo. Constatou que em um total de 7 professores, 6 realizaram atividades de campo durante a graduação, e 1 professor não realizou. Porém, quando perguntados sobre a realização de trabalho de campo na escola com os alunos do ensino básico, apenas 3 professores responderam ter essa prática. Ou seja, mais de 50% não realizam campo. Segundo apurou, as razões principais apresentadas pelos professores para não realizarem trabalhos de campo são a falta de tempo para planejar e organizar a atividade (o conhecido problema da falta da hora-atividade) e dificuldades para preparar tarefas que serviriam de reposição para as turmas que ficariam sem aula devido ao tempo tomado pelo campo. Foi apontada ainda a falta de domínio dos conteúdos que seriam os mais adequados para se trabalhar em campo (BRAUN, 2007, p. 260).

Como se pode perceber, mais um componente do ensino de geografia que pode se constituir como ponte para a educação 4.0, é também mais uma das problemáticas onde se tem bastante dificuldade em avançar. Isso chama atenção para a reflexão de que o ensino de geografia corre o risco de estar se descolando cada vez mais da realidade do aluno e das transformações ocorridas no mundo globalizado. Justamente onde se

poderia estabelecer um forte *link* com o processo de sofisticação das tecnologias, garantindo atualidade e utilidade prática ao ensino de geografia, é onde mais se tem defasagem e dificuldades institucionais e pedagógicas. Sem mudanças, infelizmente, a perspectiva é de cada vez maior desinteresse pela geografia por parte dos alunos.

Por fim, uma terceira frente pela qual o ensino de geografia poderia seguir para encaixar-se no modelo da educação 4.0 corresponde a algo que, na verdade, qualquer disciplina pode realizar. A educação na era da inovação visa o desenvolvimento do individuo em todas as áreas da vida (emocional, mental, afetiva, social, familiar, etc.), e não apenas na área profissional. As atividades que restarão para o humanos desenvolverem estão fortemente ligadas à necessidade de se relacionar com outros seres humanos, e, sendo assim, ajuda muito se o que houver for não apenas profissionais habilidosos, mas, também, pessoas que vivem suas vidas felizes:

> "There must be a change in learning management, which is not attempting to build up the skills in 3 R's of reading, writing and arithmetic's, to produce good and clever youth to live in a happy society rather it must also create the quality and skills responding to Education 4.0." (PANCREOBUTR, 2016, p. 94)

> "Há uma mudança no ensino, e que não está limitada à construção das habilidades relativas às três primeiras revoluções industriais (escrita, leitura e aritmética), mas que envolve gerar jovens bons e responsáveis para viver em uma sociedade feliz. Esse é o objetivo, mais do que produzir as qualidades e habilidades necessárias à educação 4.0." (TRADUÇÃO LIVRE).

É preciso desenvolver a inteligência emocional, a compreensão humana, a tolerância com outras culturas como habilidades para a vida profissional e também pessoal. Os professores (de todas as disciplinas) podem contribuir ricamente nesse sentido. Não é necessário se ministrar conteúdos ou fazer o aluno assimilar conceitos. É preciso desenvolver relações humanas, rir, chorar, confiar, ouvir, abraçar, aconselhar. O objeto das aulas não precisa ser o espaço, e nem o conteúdo a regionalização do país. A aula pode resumir-se a escutar uma música, apreciá-la e culminar com uma discussão sobre o tema que ela traz, que pode ser racismo, desigualdade social ou de gênero, intolerância religiosa, desilusões amorosas, problemas familiares, e etc. O produto da disciplina não precisa ser uma maquete da geomorfologia do fundo do oceano. Pode ser como em um caso relatado por um professor de geografia do 6º ano: uma revista confeccionada pelos próprios alunos com imagens recortadas de jornal, sobre as

doenças acarretadas pelo consumo excessivo de açúcar e alimentos gordurosos e como preveni-las, caso seja para isso que se manifeste a vontade dos alunos. O professor de geografia não precisa ensinar geografia para formar pessoasna era da inovação. Para tanto, bastaa ele apenas ser outro ser humano, que escute o aluno, compartilhe o relato de experiências de vida, aconselhe-o, estimule-o a confiar, expressar seus sentimentos e respeitar ao outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação 4.0 já começou. Através do aperfeiçoamento de softwares de programação, robôs tornam-se capazes de solucionar pequenos problemas de tomada de decisão. Além disso, a interatividade das coisas e dos ambientes digitais é cada vez mais forte. Muitas tarefas vão automatizando-se, excluindo a necessidade de uma operação humana. Essa narrativa pode soar como filme de ficção científica, porém, trata-se, na verdade, da realidade da ciência e da tecnologia nos dias atuais.

No entanto, isso não significa o fim para a espécie humana. Obviamente, desemprego, aumento da desigualdade social e problemas de ansiedade e insegurança podem aumentar bastante nessa mudança no modo de viver em sociedade. Mas, é justamente para esse contexto que surge a educação 4.0, visando preparar as pessoas para aquilo que os robôs não conseguirão fazer: demonstrar afeto e fazer sentir emoção, inventar formas alternativas de fazer as coisas, sobretudo, usando o meio digital, motivar e fazer as pessoas sentirem confiança, pensar criticamente, etc. Qualidades e habilidades que são inerentemente humanas, mas que precisam ser estimuladas e aperfeiçoadas.

O ensino de geografia pode acompanhar esse processo, no entanto, precisa superar dificuldades que já há tempos tem se feito presentes. O domínio das técnicas de cartografia e georreferenciamento por parte dos professores seria algo crucial para inserir os alunos na educação 4.0. Produzir informação espacial de forma autônoma e divulgar essas informações de forma inteligente é uma prática com alto potencial de emancipação política e social. Além disso, o trabalho de campo é outra atividade que tem bastante relevância no contexto da educação 4.0. Através dele podem ser desenvolvidas habilidades de comunicação, trabalho em equipe, manuseio de tecnologias da informação, produção, tabulação e armazenamento de dados, entre outros. Porém, estas são práticas muito pouco utilizadas no ensino de geografia devido a uma série de fatores que não cabe agora aprofundar-se. A questão é que diante de tantas mudanças e

inovações, se o ensino de geografia também não experimentar esses processos, ele não ajudará a desenvolver nas pessoas nada que robôs e máquinas também não possam fazer, e de um jeito melhor. Jack Ma, co-fundador e presidente executivo do Alibaba Group, um dos maiores conglomerados da China e que está na ponta do desenvolvimento de robôs com inteligência artificial – muitos inclusive, já operam pela empresa identificando e buscando produtos em armazéns e até fazendo entregas à domicílio – alertou no encontro do *World EconomicForum*, em Davos, na Suíça, ocorrido em 2018, que se não ensinarmos a nossas crianças nada diferente daquilo que robôs também podem fazer, elas serão facilmente superadas porque os robôs são mais espertos.Segundo ele: "Os professores devem parar de ensinar conhecimento e começar a ensinar alguma coisa que seja única. Então nenhuma máquina poderá nos superar."[1].

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. D. de. ALMEIDA, R. A. de. **Fundamentos e Perspectivas da Cartografia Escolar no Brasil**. Revista Brasileira de Cartografia, Rio de Janeiro-RJ, Nº 63/4, p. 885-897, Jul./Ago. 20114. Disponível em: <http://www.lsie.unb.br/rbc/index.php/rbc/article/view/929>. Acesso em 28/02/2019.

AZAMBUJA, L. D. **Trabalho de Campo e Ensino de Geografia**. Revista Geosul, Florianópolis-SC, v. 27, n. 54, p.181-195, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/2177-5230.2012v27n54p181/25442>. Acesso em: 01/03/2019.

B, A. M. S. **Rompendo os muros da sala de aula: o trabalho de campo na aprendizagem da Geografia**. Revista Ágora, Santa Cruz do Sul-RS, v. 13, n. 1, p. 250-272, jan./jun. 2007. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/agora/article/view/118>. Acesso em: 01/03/2019.

CORON, A. **A Educação 4.0 já é realidade!** 2017. Disponível: <https://www.positivoteceduc.com.br/educacao-4-0/a-educacao-40-ja-e-realidade/>.Acesso em: 20/01/2019.

PANCREOBUTR, V. **Education 4.0: New Challenge of Learning**. St. Theresa Journal of Humanities and Social Sciences, Lecturer-Faculty of Education, St. Theresa International College, Thailand, vol. 2, Nº 2, July-December, 2016. Disponível em: <http://www.stic.ac.th/ojs/index.php/sjhs/article/view/Position%20Paper3/47>. Acesso em: 20/01/2019.

Notas de fim

1. Trecho de entrevista publicado no perfil do World Economic Forum em uma rede social. Disponível em: https://www.facebook.com/watch/?v=10155081394521479. Acesso em: 28/12/2018.

Trabalho enviado em: 14/03/2019
Trabalho aceito em: 02/08/2019